

Dossiê: Gênero, deslocamentos e fronteiras no/do mundo contemporâneo***Fazendo a linha cdzinha: performance transidentitária de crossdressers brasileiras em Lisboa/PT¹***

Pietra Azevedo

Travesti Mestranda em Antropologia Social – PPGAS/UFRN
Integrante do Grupo Gênero, Corpo e Saúde – GCS/UFRN
Integrante do Grupo de Estudos Culturais – GRUESC/UERN**RESUMO**

Cdzinha é uma palavra que representa o *abrasileiramento* da expressão *crossdresser*. Assim, este texto etnográfico baseia-se na observação participante e na participação observante realizada entre janeiro e agosto de 2017 na cidade de Lisboa/PT, junto a três cdzinhas brasileiras. O objetivo é compreender como se dá o processo de performatização da transidentidade delas. Neste sentido, refleti sobre questões como: as motivações da *montação*, o manejo sobre o corpo, o trânsito e fluidez entre os gêneros, a transidentidade performatizada a partir da alteridade com as travestis e as *drag queens* e o universo dos encontros das cdzinhas com seus parceiros sexuais-afetivos pensando o desejo por meio das resistências e dos assujeitamentos.

Palavras-chave: Cdzinha; Crossdresser; Performance; Transidentidade.

***Cdzinha*: transidentity performance of Brazilian crossdresser in Lisbon/PT**

ABSTRACT

Cdzinha is the Brazilian word that shares meaning with the term crossdresser. Thus, this ethnographic work is based on participant observation and observant participation held between January and August 2017 in the city of Lisbon/PT with three Brazilian *cdzinhos*. The purpose of his article is to understand how their process of transidentity performatization takes place. Therefore, I reflected on issues such as the motivations of crossdressing, how they deal with their body, the transition, and gender fluidity, the trans identity performatized from the alterity with travestis and the drag queens and the meeting universe of the *cdzinhos* with their sexual-affective partners, reflecting upon the desire through resistances and subjections

Keywords: *Cdzinha*; Crossdresser; Performance; Transidentity.

***Cdzinha*: performance transidentidad de *crossdressers* brasilenãs en Lisboa/PT**

RESUMEN

Cdzinha es una palabra que representa el *abrasileiramento* del término *crossdresser*. Así, este texto etnográfico se basa en la observación participante y la participación observante, realizada entre enero y agosto de 2017 en la ciudad de Lisboa/PT, junto a tres *cdzinhos* brasileñas. El objetivo es comprender como se produce el proceso de performatización de su transidentidad. En este sentido, reflexioné sobre temas como: las motivaciones de *montação*, la gestión sobre el cuerpo, el tránsito y fluidez entre géneros, la transidentidad performatizada de alteridad con las travestis y las *drag queens* y el universo de encuentros de *cdzinhos* con sus parejas sexuales-afectivas pensando el deseo a través de resistencias y sometimientos.

Palabras clave: *Cdzinha*; Crossdresser; Performance; Transidentidad.

"Se Deus é menina e menino
Sou Masculino e Feminino...
Vou assim todo o tempo
Vivendo e aprendendo"
(Masculino e Feminino – Pepeu Gomes).

Embarcando com as cdzinhas em Portugal

Em janeiro de 2017 embarquei para Lisboa/PT, após conseguir uma bolsa de intercâmbio para estudar um semestre do curso de Licenciatura em Antropologia no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL). Desde os primeiros dias, por influência antropológica, tratei de sistematizar meu cotidiano em um diário de viagem que contém parte dos dados etnográficos desse artigo.

Este texto etnográfico baseia-se na observação participante e na participação observante, realizada entre janeiro e agosto de 2017 na cidade de Lisboa/PT junto de três cdzinhas brasileiras², em um primeiro momento acompanhando cotidianamente duas interlocutoras e em seguida, a partir de julho, experienciando a performance (trans)identitária³ cdzinha. Neste sentido, buscou-se compreender como se dá o processo de performatização da transidentidade destas pessoas a partir da significação do que é *ser cdzinha*, refletindo sobre questões como: motivações da *montação*, manejo sobre o corpo, trânsito e fluidez entre os gêneros e transidentidade performatizada a partir da alteridade com as travestis e as *drag queens*.

Trago em outro tópico algumas reflexões acerca do universo dos encontros das cdzinhas com seus parceiros sexuais-afetivos, utilizando majoritariamente minhas experiências pessoais⁴ e pensando desde a forma como estes encontros são viabilizados, passando pelas negociações e pelas formas de desejo circunscritas nesses espaços, até as resistências e os assujeitamentos presentes nestas relações sociais/sexuais.

No prédio em que eu morava, localizado numa zona *central* da cidade, surgiriam contatos e experiências pouco imaginadas por mim. No apartamento ao lado do meu residiam duas imigrantes brasileiras: Monique que se reconhecia como uma travesti e Carlos⁵ que se reconhecia como homem gay. Por ocasião de sermos do mesmo país e pessoas LGBTIs⁶ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Intersexuais) logo nos aproximamos.

Eu passei a frequentar constantemente o apartamento delas. Acredito que o fato de eu ser *uma bicha afeminada*⁷ transmitiu confiança para elas. Logo no primeiro mês, Carlos me mostrou algumas roupas sexuais femininas e disse ser dele, ou melhor, da *crossdresser/cdzinha* Jéssica. Carlos e Jéssica coexistiam no mesmo corpo. Eu sabia da existência desta experiência performativa de gênero por conta da pesquisa etnográfica que eu estava realizando na cidade de Mossoró/RN sobre performance identitária das travestis (AZEVEDO, 2017), onde ocasionalmente elas falavam sobre as cdzinhos.

Crossdresser é uma pessoa que performatiza contingencialmente o gênero oposto ao que lhe foi designado ao nascer cuja orientação sexual pode ser diversa e a identidade de gênero é uma expressão da transgeneridade. Raewyn Connell⁸ (2016, p. 231) assinala que “desde 1990, ‘transgênero’ e ‘trans’ foram amplamente adotados como termos gerais abrangendo não só mulheres e homens transexuais como também uma crescente dimensão de identidades não-normativas”. *CD* é a abreviação da palavra *Cross-Dresser*. *Cdzinha* é uma palavra que representa o *abrasileiramento* da expressão *crossdresser*. Compreendendo tal qual Bell Hooks (2008) que o inglês é a língua da dominação, o *abrasileirar* representa a resistência no ressemantizar, pois “nós fazemos das nossas palavras uma fala contra-hegemônica, liberando-nos nós mesmos na linguagem” (Hooks, 2008, p. 864).

Tal como Kulick (2008) argumenta que a travesti é uma figura eminentemente latino-americana - tendo o Brasil enquanto um dos países centrais -, defendo que as cdzinhos são figuras brasileiras, reinvenções a partir das nuances entre as travestis e as *crossdressers tradicionais*⁹. Portanto, cdzinhos, no contexto etnográfico dessa pesquisa de campo, são *homens gays*¹⁰ que performatizam pontualmente o gênero feminino, através da *montação* com motivações diversas. Utilizarei *cdzinha* no decorrer do texto tendo em vista que é assim que as interlocutoras se autodenominavam, raramente usando o termo *crossdresser*.

Jéssica foi a primeira interlocutora *cdzinha* da pesquisa, que tive contato logo nos primeiros dias em terras portuguesas. Passados alguns meses, com a mudança de Monique para outra cidade, chegou um novo morador para residir com Carlos/Jéssica. Ícaro, que posteriormente me apresentaria Karen, a segunda interlocutora¹¹. Outra via de interlocução para a elaboração das reflexões desse texto se deu através de Pérola¹². Ela se encaixa nesta excursão etnográfica a partir da minha experiência pessoal enquanto *cdzinha/transgênero* durante a observação participante e participação observante, em que mobilizei o meu corpo de maneira semelhante a Wacquant (2002).

Wacquant (2002) usa a *participação observante* como método etnográfico, no qual ele é simultaneamente um antropólogo observador e um sujeito pesquisado cuja experimentação é uma ferramenta da observação. É importante salientar que minha experiência não se deu apenas por motivações antropológicas/científicas, mas também, sobretudo, por querer experienciar tal performance identitária através dos mecanismos disponíveis naquele contexto. Não foi aleatório que esse processo reverberou na minha autocompreensão e empoderamento enquanto travesti na atualidade.

Aproximo-me de Clifford (2002; 1997) diante da preocupação com a perspectiva dialógica e polifônica relatando a minha experiência em campo e me percebendo como sujeita pesquisadora localizada. Neste sentido, entendendo tal qual Elisete Schwade (2016) que a subjetividade é inerente à pesquisa antropológica e esta implica refletir sobre contextos e relações de poder, torna-se importante assinalar qual é a minha posição social enquanto pesquisadora/pesquisada na representação escrita do conhecimento intersubjetivo, pensando que “nenhum conjunto específico de vozes deve ser negado ou privilegiado – o(a) autor(a) deve objetivar sua própria posição na etnografia exatamente na mesma medida em que procura retratar a subjetividade dos outros” (STRATHERN, 2014, p. 19).

Há algum tempo eu já *brincava* com o gênero, na medida em que percebia a coercitividade dos papéis e comportamentos generificados que eram impostos sobre os corpos num ideal de feminilidade e masculinidade socioculturalmente construídos. Desde os primeiros contatos com as cdzinhas, elas já sinalizavam para um *potencial transgênero* que meu corpo possuía, tendo em vista meus cabelos longos, meu rosto fino e minha magreza corporal. Mas somente em julho de 2017 que *montei o palhaço*¹³ pela primeira vez. Na ocasião era apenas uma brincadeira para vermos como eu ficaria de cdzinha. Fizemos algumas fotografias e instigada principalmente por Karen, decidi criar uma conta na rede social *Badoo* para a figura que viria a ser Pérola. Depois disso, continuei *fazendo a linha cdzinha*, isto é, me *montando* até o final do período de intercâmbio. Enquanto Pérola, eu me intitulava uma “jovem estudante de 21 anos de idade¹⁴, transgressora e aventureira”¹⁵.

Karen surgiu em 2011, dois anos depois da chegada de Ícaro a Portugal. No Brasil, ele se montava algumas vezes, inclusive já havia participado de concursos de beleza, como o Miss Gay e sempre admirou o trabalho de *montação* de transformistas e *drag queens*. Com 23 anos de idade, Karen tinha um corpo bronzeado e se autodenominava como “meiga e carinhosa”. Jéssica, por sua vez, tinha 29 anos de idade e se autodenominava “morena sensual e dominadora”. Segundo Carlos, ela existia desde 2012:

ela já existia nos carnavais do Brasil, mas não tinha um nome fixo. Ela só veio vingar em Portugal, onde eu continuei me montando nos carnavais, sempre com um amigo. Aí eu comecei a ir nas discotecas montada com esse meu amigo e vi que os homens tinham interesse, foi aí que surgiu o nome da Jéssica (fala retirada de áudio em conversa via WhatsApp. Julho/2018).

Tendo em vista que este artigo se situa no campo dos estudos das relações de gênero e sexualidades, são necessárias algumas formulações basilares, ainda que sumárias, sobre estes conceitos. Na tentativa de pensar o gênero de forma descolonizada, tentando contribuir para o campo das análises científicas feitas no Sul Global, busco pensar as dinâmicas e os processos formativos, criativos e violentos que envolvem o gênero, a partir das transformações das culturas e dos corpos num jogo de disputa sociopolítica que possa reconhecer a multiplicidade presente na concepção pós-colonial dos estudos de gênero (CONNELL, 2016). As sexualidades entendidas como práticas afetivas e eróticas relacionadas às atividades sexuais das pessoas, também devem ser compreendidas como socioculturalmente determinadas, no qual a discursividade atrelada a ela normatiza/naturaliza a heterossexualidade (FOUCAULT, 2013). Carole Vance (1995) defende que a sexualidade é uma área simbólica e política ativamente disputada, em que grupos lutam para implementar plataformas sexuais e alterar modelos e ideologias sexuais. A performance das cdzinhas pressupõe o entrecruzamento desses conceitos-chaves, cujas fronteiras são transpassadas na medida em que constroem suas performances identitárias intercambiando expressões de gênero e de sexualidades na *montação* cotidiana.

Montando o palhaço: performance transidentitária e montagem cotidiana

Dentre as motivações que conduziram ao processo transidentitário e performativo enquanto cdzinhas, creio que duas sejam basilares: a primeira se refere ao fato de estarmos distantes de nossos familiares e conhecidos/as, onde atravessadas por um oceano ficamos longe de julgamentos e interferências diretas. Nenhuma de nossas famílias sabiam dessa expressão transgênero de nossas identidades, muito embora nós já tenhamos *nos montado* no Brasil, porém com o caráter muito mais artístico, político ou carnavalesco. Atrelado a isso, na Europa goza-se de uma maior segurança no que se refere à existência de pessoas trans, em contraposição ao Brasil que lidera o *ranking* dos países com os maiores índices de mortes de pessoas trans do mundo¹⁶.

O deslocamento, portanto, nutriu as oportunidades de uma performance transidentitária cdzinha. Longe de querer fortificar a ideia do Norte Global como *lugar do progresso* em paralelo ao Sul Global *atrasado*, tal compreensão se sustenta na ideia que ao se deslocar para contextos longínquos, as sujeitas expandiram seus *campos de possibilidades* (VELHO, 1994) ao experienciarem processos viabilizados pelos trânsitos dos corpos sobre novos lugares, no qual certo anonimato se evidenciava. No que tange à transgeneridade, mais parece que a *transfobia internalizada*, alimentada socioculturalmente, se esvai e propiciam novos manejos sobre o corpo, gênero e sexualidades a partir dos fluxos.

A segunda motivação situa-se no plano sexual/afetivo, como pode ser observado nas palavras de Karen: “foi como cdzinha que eu pude conhecer um cara do gênero que eu gosto, mais másculo - que não seja gay -, que é o que me atrai, né?!” (diário de viagem, junho/2017). Já Jéssica foi mais enfática: “eu não gosto de gay, gosto de homem de verdade, que me faça mulher na cama” (diário de viagem, março/2017). No que se refere a Pérola essa segunda motivação foi surgindo na medida que eu via quem eram os homens que Jéssica e Karen ficavam. Elas recebiam os rapazes no apartamento e sempre que eles iam embora, elas me chamavam para vê-los saindo. Realmente os homens se enquadravam no padrão de beleza masculino *hollywoodiano*, em que dificilmente uma de nós teríamos a possibilidade de ficar com eles na condição de desmontadas, ou melhor, de *ocó*¹⁷, pois além de serem, na grande maioria, homens heterossexuais, nossos padrões de beleza eram distantes. Neste sentido, uma das falas de Karen torna-se emblemática nesse contexto: “bicha, as gays daqui são tudo uó, se acham demais, adoram esnobar... Aí vem um homem, homem de verdade, bonito e gostoso ficar comigo, aí eu vou ficar me estressando com essas gays? Jamais!” (diário de viagem, junho/2017).

Dessa forma, a complexidade no campo das sexualidades se coloca quando as afirmativas partem de homens gays que não sentem desejo sexual por outros homens gays - o que pode até soar contraditório, mas veem na performance transidentitária cdzinha a possibilidade de concretização de desejarem e serem desejadas por *homens de verdade*, isto é, homens heterossexuais, mesmo entendendo que “a estratégia do desejo é em parte a transfiguração do próprio corpo desejante” (BUTLER, 2016, p. 128). Esta sexualidade paradoxal é assegurada pelo trânsito identitário e de gênero, ou seja, a transidentidade cdzinha que parte do fluxo entre ser gay e ser transgênero contingente e intercaladamente, a partir de acionamentos estratégicos destas identidades.

Existe um terceiro ponto/motivação, que se refere à prostituição, principal fonte de renda de Jéssica. Segundo Carlos: “ela [Jéssica] era um palhaço-montada, que nesse palhaço-montada ela fez da vida dela uma profissão” (diário de viagem, fevereiro/2019). A prostituição também se fez presente nos primeiros anos de *montação* de Karen, que na circunstância se chamava Bruna, mas no período que a acompanhei, ela se montava especificamente para buscar parceiros sexuais/afetivos sem cobrar por serviços sexuais. Sobre a inserção na prostituição, Carlos/Jéssica relata:

eu conheci uma outra bicha num baile de carnaval que se montava e trabalhava na vida... eu ainda fiquei um ano trabalhando [no emprego formal] e quando chegava em casa à noite me montava para *fazer os vícios*, que eu conhecia no *badoo*... nisso eu fui tomando gosto, até que um dia eu vi que eu ganhava seiscentos euros no meu trabalho formal, e em três quatro dias minha amiga fazia quatrocentos, quinhentos euros, aí aquilo começou a me aguçar e eu já gostava de sexo... Um dia eu já tava farta da loja, e larguei tudo e entrei *na vida* com a Jéssica... então eu conheci Monique e ela me levou pra *tal país*, foi lá que eu fiz minha primeira *praça* na Europa, foi onde eu fiquei encantada... Eu cheguei a fazer treze clientes... E depois disso eu não deixei mais (trecho retirado de áudio em conversa via WhatsApp. Julho/2018).

Aqui é importante a partir dessa narrativa, separar *vícios* de *clientes*. Vícios são homens que não se cobra pelo sexo e clientes são os homens que se faz sexo pago. Só esporadicamente que Jéssica *faz a linha viciosa*, porque segundo ela: “se eu fizer muito vício não vou ter o que comer, não posso ser uma bicha viciosa” (diário de viagem, maio/2017). *Trabalhar na vida* significa trabalhar como prostituta e *praça* significa passar uma temporada em uma cidade se prostituindo, e no contexto europeu, *fazer praça* é uma prática recorrentes entre as *putas*. Também tive a oportunidade de conhecer outras cdzinhas que via na *montação* uma estratégia de sobrevivência através da prostituição.

Todas essas motivações possibilitam o que Duque (2011, p. 90), ao pesquisar travestis adolescentes, denominou de *montagem estratégica*, ou seja, o processo de “construção e a desconstrução da feminilidade a partir de uma manipulação da vergonha e do estigma para se conquistar, entre outras coisas, parceiros sexuais e transitar na escala de exposição à violência”. Para Vencato (2009, p. 2), as diversas formas de praticar o *crossdressing* correspondem a “uma montagem transitória, realizada em alguns momentos específicos, que envolve graus variados de intervenção corporal, dependendo do que se pretende em termos de resultado final daquela produção”. Os trânsitos identitários e

performativos das cdzinhas se apoiam no *campo de possibilidades* que a montagem estratégica viabiliza, no processo de montar e desmontar o *palhaço* esporadicamente.

Tanto Carlos, Ícaro e eu tratávamos Jéssica, Karen e Pérola na terceira pessoa. Esta forma de tratamento é bastante comum entre as cdzinhas que vivem simultaneamente dois universos. São duas expressões identitárias ocupando um mesmo corpo, que experencia os gêneros masculino e feminino de forma contingencial, no qual se visualizam as múltiplas narrativas da corporificação contraditória que expressam o caráter ontoformativo do gênero (CONNELL, 2016). A separação entre Carlos e Ícaro e sequencialmente Jéssica e Karen traz alguns aspectos curiosos. Na performance identitária transgênero da cdzinha é fundamental manter essa diferenciação entre a cdzinha e o *ocó* que habitam o mesmo corpo. Jéssica me disse o seguinte: “se misturar uma coisa com a outra dá em confusão, a bicha fica desorientada, não sabe dividir as coisas e pensa logo que é travesti... Tem que ter psicológico forte, não é para qualquer uma” (diário de viagem, maio/2017). Jéssica falava com a propriedade de quem já se montava há seis anos.

Esses trânsitos identitários e performativos, que denomino de transidentidades, devem ser entendidos com base na concepção de Hall (2006, p. 12) sobre identidade, em seus termos: “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”. Neste sentido, a partir da ideia de paródia de gênero, Judith Butler (2016, p. 238) diz que “esse deslocamento perpétuo constitui uma fluidez de identidades que sugere uma abertura à resignificação e à recontextualização”. Portanto, o trânsito entre o masculino e o feminino não é exclusividade de travestis (CARDOZO, 2007) e nem das transgêneros, todas vivenciamos esse *transitar entre os gêneros* cotidianamente a partir dos questionamentos e reconstruções dos papéis, comportamentos e relações de gênero, estando em uma constante mobilidade entre locais dentro da ordem de gênero (CONNELL, 2016).

Por mais que as cdzinhas “na medida em que constroem estes eus como dissociados entre si, contribuem para a ideia da existência de uma masculinidade oposta à feminilidade” (VIEIRA GARCIA, *et al.*, 2010, p. 92), na verdade, o que ocorre é um acionamento estratégico de separação com cunho psicossocial na construção da performance transidentitária, que reverbera na coexistência de construções corpóreas de masculinidades e feminilidades, no qual “pode-se dizer que há duas pessoas construídas pelas *crossdressers* que não são, necessariamente, continuidade uma da *outra*” (VENCATO, 2009, p. 177), mas sim, identidades elaboradas em trânsitos complementares e

simultâneos. Segundo Ícaro: “ela [Karen] existe, mas sem eu perder minha identidade” (diário de viagem, julho/2017), já Carlos lembrou:

hoje nem tanto mais, mas antigamente tudo era voltado pra ela [Jéssica], o quarto era feito para ela, tudo que eu comprava era pensando nela... Então o Carlos ficou um pouco afastado, mas hoje eu sei separar muito bem as coisas, Jéssica é Jéssica e Carlos é Carlos. Mas eu amo de paixão a Jéssica, tenho paixão por ela, loucamente. Hoje ela faz parte da minha vida (diário de viagem, abril/2017).

Durante o dia-a-dia era Carlos que ia ao mercado fazer compras, que pagava as contas, que ia ao aniversário das amigas, etc. A ele estavam destinadas as atividades de cunho público, embora ocasionalmente Jéssica saísse para festas em boates LGBTIs e baladas *hétero*. No período da participação observante, Karen e Pérola saíram várias vezes na noite lisboeta, chegando a frequentar espaços públicos de grande circulação de pessoas, como o Bairro Alto. Vencato (2009), ao debater estigma e segredo entre *crossdressers*, menciona o cálculo, risco e desejo que envolvem o sair montada em espaços públicos, pensando nas *vidas duplas*. E o medo, por parte das *cds* de serem reconhecidas suas identidades enquanto homens.

A frase supracitada de Jéssica - *pensa logo que é travesti* - está relacionada a identidade da *cdzinha* performatizada a partir da alteridade, pois esta é diferente de uma travesti e uma mulher transexual que vive cotidianamente o feminino, embora todas elas façam parte do mesmo nicho, da transgeneridade. Um marcador importante dessa alteridade é, segundo as interlocutoras, o uso de hormônios, que para elas, assim como para as travestis da pesquisa que realizei em Mossoró/RN entre 2015 e 2017 (AZEVEDO, 2017), marca o início da transição de gênero de uma travesti. No entanto, existem *crossdressers* que fazem a Terapia Hormonal (TH), como algumas estudadas por Anna Paula Vencato (2009) e Vieira Garcia *et al.* (2010) e travestis que não optam pela TH.

Segundo Eliane Kogut (2006), travestis e *crossdressers* são a mesma coisa, no qual o termo *crossdresser* surgiu como forma de higienização para a conotação negativa atribuída às travestis. O estigma (GOFFMAN, 1988) das travestis como prostitutas e violentas é apresentado por Vieira Garcia *et al.* (2010) como o motivo das *crossdressers* não quererem ser identificadas como travestis. As primeiras veem as segundas com olhar negativo, que conforme os autores, implica nesta condição, a classe social como um marcador desta diferenciação. Anna Paula Vencato (2009, p. 66) argumenta que:

aparentemente a rejeição ao termo travesti parece sublinhada, especialmente pela associação desta figura ao mundo da prostituição e de uma vida marcada por dificuldades como a falta de espaço no mercado de trabalho, privações materiais e sociais e grande exposição a violências e abandonos. Contudo, há aquelas que defendem que travestis e *crossdressers* seriam nomes diferentes para se falar da mesma coisa, embora levem em conta o preconceito associado à categoria travesti.

Ao acompanhar os casos de *crossdressers* que se tornaram transexuais, o estudo antropológico de Anna Paula Vencato (2009) aponta, por vezes, para a fluidez entre os limites das categorias da transgeneridade. Diante dessa multiplicidade de formas de perceber a transgeneridade em suas várias nuances de singularização, as cdzinhas interlocutoras dessa pesquisa continuaram a perceber essas identidades diferenciadamente. Isto também tem influência da aproximação que elas possuíam com as travestis, com quem conviveram cotidianamente, reivindicando uma identidade que é divergente da requerida pelas cdzinhas.

A experiência cdzinha foi para mim, no universo das dúvidas que circunda nós, pessoas trans, um marco definidor que me ajudou a compreender minha travestilidade. Portanto, as performances de gênero são bem mais contingenciais, complexas e singulares do que os modelos lineares estáticos impostos nas identificações. A sociedade erroneamente insiste em querer nos exigir certezas e coerências em um mundo de experimentações múltiplas e de construções identitárias difusas e contraditórias, certezas estas não exigidas às pessoas cis¹⁸.

Embora essa diferenciação entre cdzinhas e travestis seja evidente entre as interlocutoras que não as veem como a mesma coisa, em algumas ocasiões elas se apresentam como travestis no início da transição, excepcionalmente quando estão se relacionando com alguns parceiros sexuais que não compreendem a diversidade entre as transgêneros, cuja palavra travesti tem uma significação social mais difundida, ainda que associada à prostituição.

Sempre que falávamos de cdzinhas, Carlos fazia questão de dizer: “tem que ter um psicológico forte” fazendo menção principalmente à Karen, que logo quando começou a se montar “confundi as coisas” e começou a Terapia Hormonal (TH). Ícaro me relatou que foi difícil na época:

eu estava carente e vulnerável e acabei confundindo as coisas... Chegou uma hora que eu estava muito mal, ver o meu corpo mudando me assustou... Aí eu peguei

tudo que era da Karen e joguei fora... Passei um tempo sem me montar, só depois que meu psicológico melhorou é que voltei à montagem (diário de viagem, agosto/2017).

A (des)transição de gênero no que se refere à travestilidade/transsexualidade tem se tornado algo recorrente, pelo que pude observar nas minhas experiências etnográficas junto a população trans. Raewyn Connell (2016, p. 241-242) acredita que a transição afeta os relacionamentos íntimos, e que “uma mulher transexual pode ter uma imensa incerteza sobre o que fazer. Ela circula indo e voltando das práticas transexuais, começa e para de fazer *cross-dressing*, começa e para automutilações”. Nesse contexto, algumas questões valem a reflexão, como as incertezas e fixações identitárias frente aos processos performativos de gênero que são socialmente impostos, a cristalização do binarismo de gênero e a transfobia socioculturalmente difundida e naturalizada.

Além dessa diferenciação com as travestis e transexuais, uma outra é necessária para as cdzinhas. Karen me dizia que “a linha que eu faço é uma linha mais garota, eu não faço a linha transformista e nem a mais chamativa, que é a da *drag queen*, eu gosto de uma linha mais reservada, mais menininha, mais cdzinha” (diário de viagem, julho/2017). Embora *drags* e transformistas usem a expressão *se montar* tal como as cdzinhas, existem grandes nuances que as diferenciam. Junto ao fato dos estímulos das *montações* serem desiguais, os resultados também se discrepam. Enquanto que as primeiras são postas numa *linha mais chamativa* com cunho artístico, as últimas se montam na perspectiva de ilustrarem *uma linha mais garota* e principalmente no âmbito privado com intuítos sexuais e afetivos. Embora colocado desta forma por Karen, as nuances dessas identidades são múltiplas; ambas as performatividades se interligam ao parodiarem as feminilidades, por vezes tensionando, por outras ratificando as coerções de gênero.

Esses processos de performatização transidentitária a partir da alteridade são debatidos por Guacira Louro (2016, p. 47) entendendo que “a identidade negada é constitutiva do sujeito, fornece-lhe o limite e a coerência e, ao mesmo tempo, assombra-o com a instabilidade”. Nesta linha, Bhabha (1998, p. 95) diz que: “a negação é sempre um processo retroativo; um semi-reconhecimento daquela alteridade que deixou sua marca traumática”.

A *montação* para as cdzinhas é árdua e trabalhosa. Ao contatarem um parceiro sexual-afetivo e firmarem um encontro, começa o processo que elas denominam “montar o palhaço”. Já no banho é necessário depilar todo o corpo e reforçar a depilação da barba,

para não ficar visível o *xuxu*¹⁹. Aqui há todo um cuidado com a utilização de cremes corporais e faciais tendo em vista que a depilação cotidiana deixa a pele irritada. A segunda etapa é a mais crucial e demorada, a maquiagem. É neste processo que o rosto vai sendo modificado através dos contornos elaborados na acentuação de traços considerados femininos e ocultamento de traços considerados masculinos. Como me disse Karen: “o menos é mais”, no sentido que, quanto mais *natural* possa parecer, sem exageros de cores e tons, é o ideal de maquiagem para uma cdzinha. Após a maquiagem, é escolhida a roupa que será utilizada, sempre com peças íntimas femininas. Através das vestimentas, buscam valorizar aspectos dos seus corpos para aproximá-los da feminilidade, ocasionalmente usando espartilhos. Por último é posta a peruca.

Paralelo aos procedimentos cotidianos da *montação*, as cdzinhas realizam outras atividades de cuidados estéticos, como depilação a laser, bronzamento e musculação, com o intuito de fortalecer a feminilidade de seus corpos. A *montação* reconhece que “o fato de o corpo-gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade” (BUTLER, 2016, p. 235).

Posta a peruca, é perceptível a modificação dos gestos e comportamentos, Carlos me dizia: “quando eu coloco a peruca ela [Jéssica] vem e toma conta de mim, a partir de então ela que fica no comando”²⁰. A performance da feminilidade hegemônica é acionada a partir de gestos delicados e suaves, desde a modificação do andar até a postura corporal. No início, eu tinha dificuldades nessa mudança abrupta de personalidade, mas sobretudo, no trato dos movimentos do corpo fixados nos padrões de feminilidade que eu tanto questionava. Karen me ajudava com dicas, como: manter braços e pernas entrecruzados e nunca os deixar enrijecidos ou abertos; deixar a cabeça curvada um pouco para baixo, realizando movimentos leves com o pescoço; e o principal *fazer carão*, ou seja, tornar leves as expressões faciais. Outra modificação performativa importante referia-se ao manejo da voz, com objetivo de torná-la mais aguda, falando sempre em um tom mais baixo e bem mais fino que a voz habitual de *ocó*. Algumas *crossdressers* estudadas por Anna Paula Vencato (2009) chegaram a fazer sessões de fonoaudiologia.

Os cuidados e produção da feminilidade padrão, como depilação, pintar unhas, etc. parecem ser mais complicados, no que tange a manutenção da *vida dupla* às *crossdressers* que, no início desse artigo denominei de *tradicionais*, ou seja, as que quando desmontadas se afirmam homens heterossexuais. Para a afirmação da heterossexualidade masculina, junto da concomitante *masculinidade hegemônica*²¹, parece ser necessário repudiar os símbolos de feminilidade. Segundo Welzer-Lang (2001, p. 465) “é verdade que na socialização

masculina, para ser um homem, é necessário não ser associado a uma mulher”. Neste sentido, embora atualmente se argumente em prol da metrosexualidade de homens heterossexuais e entre os gays se visualize a misoginia, *disfarçar* os símbolos femininos, quando *desmontadas*, é mais difícil para as *crossdressers tradicionais* do que para as cdzinhas.

A discussão acerca das orientações sexuais é fundamental para distinguir as cdzinhas desta pesquisa e as *crossdressers tradicionais* estudadas por Anna Paula Vencato (2009), Vieira Garcia *et al.* (2010) e Marjorie Garber (1992). Estes estudos realizados em clubes de encontro de *crossdressers* apresentam não só uma maioria heterossexual por detrás das montações, mas também uma relutância e rejeição por parte das próprias *crossdressers* as outras que, quando homens, se afirmam homossexuais, pois segundo as autoras, o *crossdressing* é parte de um projeto amplo de realização pessoal que não deve ser associado estritamente ao campo dos desejos. Anna Paula Vencato (2009, p. 110) pontua: “o que ocorre é que as pessoas entendem o *crossdressing* como algo que pode ser usado em suas práticas sexuais, mas que não se limita a elas ou não pertence, necessariamente, a esta instância de suas vidas”.

Nos clubes estudados por essas autoras, a conotação sexual é proibida, onde valorizam as *crossdressers* que se vestem como *damas comportadas* e evitam roupas sensuais (VIEIRA GARCIA *et al.*, 2010). Nesta perspectiva, Anna Paula Vencato (2009) categoriza de *crossdresser fetichista* a que se monta para excitar-se sexualmente. Assim sendo, as cdzinhas se singularizam ao vangloriarem o sensual e as práticas sexuais possibilitadas pelas suas performances transidentitárias, no qual a centralidade do desejo e da eroticidade é fortificada na medida em que as interlocutoras da pesquisa se montavam primordialmente quando marcavam encontros com parceiros sexuais e afetivos.

Esses machos iludem a gata e somem: os encontros e os parceiros sexuais das cdzinhas

As sexualidades e seus exercícios possuem centralidade na performatização transidentitária das cdzinhas. Discorrerei neste tópico sobre o universo dos seus encontros com seus parceiros sexuais-afetivos, lançando reflexões desde a abordagem até o pós-sexo. Secundariamente, é possível visualizar quem são estes parceiros em termos raciais, de nacionalidade, de orientação sexual, de classe social, de desejo e de níveis de experiências com as *mulheres trans*²². Os apontamentos que farei a seguir estão baseados nos relatos de Jéssica e Karen, mas principalmente, nas minhas experiências pessoais enquanto Pérola

junto de meus parceiros sexuais, em que tive oportunidade de experienciar como eram viabilizados estes encontros, quem eram esses homens e como o desejo era construído nestas relações *entre quatro paredes*. Nesta perspectiva, se tratando de corpos abjetos, como das *mulheres trans*, uma *antropologia entre quatro paredes* pode propiciar reflexões instigantes sobre o que socialmente perpassa corpos que são simultâneo e paradoxalmente mortos e desejados²³.

Todos os encontros que tive foram possibilitados via *Badoo* e *Tinder*, ambos aplicativos de relacionamentos, sendo o primeiro mais utilizado por nós *mulheres trans* e os homens que nos procuram²⁴.

21 de julho de 2017, nove horas da noite e eu estava pronta – *tinha montado o palhaço* - para receber meu primeiro parceiro sexual/afetivo em minha residência. Tinha o conhecido via *badoo* e em seguida tinha trocado WhatsApp, onde já conversava com ele há dois dias. O nome do referido era Daniel (nome fictício) um jovem português de 24 anos, recém-solteiro, modelo e militar. Com corpo atlético e olhos castanhos claros, ele esbanjava a beleza padrão europeia. Eu estava nervosa e temerosa, não acreditando que aquele homem queria estar comigo – uma cdzinha. Karen, já experiente em receber seus parceiros, tentava me tranquilizar e dizia que tudo ia correr bem. A campainha toca e vou recebê-lo um pouco trêmula. O homem que me cumprimenta com beijos no rosto é ainda mais belo que o das fotos enviadas via aplicativo, o que me deixa mais nervosa. Conduzindo-o para meu quarto, logo começamos a conversar. O diálogo se estende até meia noite. Daniel relata sobre o fim de seu relacionamento e sobre seus trabalhos como militar e modelo. Falo basicamente sobre minha estadia em Lisboa e sobre a universidade que estava estudando. Em um determinado momento, não tenho precisão de como foi a abordagem, começamos a transar e ao fim do sexo conversamos mais um pouco antes dele partir. Foi a única vez que estivemos juntos. Daniel nunca mais mandou mensagem para mim (relato extraído do diário de viagem).

Daniel foi o primeiro de muitos homens com quem eu estive. Karen e Jéssica costumavam dizer que Pérola era *romanceira* porque sempre demorava quando estava acompanhada, o que geralmente não passava de trinta minutos, mesmo se tratando de *vícios*. A descrição do meu perfil (Pérola) nos aplicativos dizia o seguinte: “Cdzinha brasileira e estudante universitária. Não busco nada específico. Apenas me tratem com respeito e não façam perguntas parvas”. Embora estivesse especificado que eu era cdzinha, sempre que começavam os diálogos virtuais fazia questão de me autoafirmar, por mais que a maioria dos homens que falassem comigo já soubesse que eu não era uma mulher cisgênero. Alguns poucos desentendidos chegavam a me abordar, outros perguntavam:

“mas você está montada de mulher, certo?” ou “tu andas sempre de menina e lábio pintado?”. Todos me tratavam no feminino e sempre de forma amistosa, que posteriormente fui entender que esta forma carinhosa de tratamento fazia parte das estratégias de abordagem e galanteamento que eles usavam para conseguir sexo gratuito com as *mulheres trans*.

Jéssica, que *trabalhava na vida*, tinha anúncios nos sites de prostituição, mas também utilizava *Badoo* e *Tinder*, principalmente para encontrar seus *vícios*. Ali ela tinha o poder de escolha diferente dos *clientes*. Ela costumava relatar que muitos dos homens que paqueravam com Pérola e Karen nos aplicativos já haviam estado com ela enquanto clientes. Nas suas análises, eles estavam utilizando de técnicas de manipulação afetiva para conseguirem sexo gratuito com outras *mulheres trans* nos aplicativos, cujos *termos de uso* não permitem venda de nenhum serviço, incluindo sexual. É bastante comum uma *mulher trans* ter sua conta bloqueada nestas plataformas digitais, em que as alegações ou são de *venda de serviços sexuais* ou *falsificação de identidade*²⁵. Também há muitas *mulheres trans* prostitutas que criticam as *trans viciosas*, que por não cobrarem pelo sexo, diminuem o número de clientes que vão à procura delas. Esse é um debate complexo que requer uma análise mais aprofundada sobre as nuances da prostituição²⁶.

Fui muitas vezes questionada pelos meus parceiros, se eu *trabalhava na vida*. Eles também tinham dificuldade de acreditar que eu era uma universitária que estava fazendo mobilidade acadêmica internacional. Estes questionamentos se inserem no imaginário simbólico socioculturalmente construído e cristalizado das travestis, transexuais e cdzinhas brasileiras que migram para a Europa como potenciais prostitutas, ou seja, tínhamos nossas identidades estigmatizadas e pensada por um viés determinista (GOFFMAN, 1988).

Estive com homens de idades entre 22 e 40 anos, a grande maioria eram comprometidos, namoravam ou eram casados, alguns com filhos. As ocupações eram as mais diversas, evidenciando as várias classes sociais: professor doutor universitário, mecânico, modelo, militar, técnico em informática, linguista, sociólogo, estudante universitário, advogado, farmacêutico, engenheiro, trabalhador do comércio, policial, contabilista, agrônomo, jornalista, transportador e petroleiro. Grande parte tinha nacionalidade portuguesa, mas também estive com um brasileiro, um francês e um angolano. Só estive com um homem negro²⁷. Apenas dois homens estiveram em suas primeiras experiências com *mulheres trans* comigo, Tiago de 22 anos de idade e Fred.

Dia 09 de agosto de 2017, uma hora da tarde. Fred, com quem eu tentei marcar um encontro duas vezes, estava chegando. Ele trabalhava nas proximidades em um escritório de contabilidade e iria aproveitar seu horário de almoço para estar comigo. Era um português de 25 anos de idade, solteiro, corpo atlético, barba e cabelo grande e que estava indo para sua primeira experiência com uma mulher transgênero, segundo ele. Em conversa via WhastApp um dos primeiros questionamentos dele foi “vais mudar de sexo ou estás a mudar?”, respondi que não porque era *crossdresser*. Isso não o intimidou. Assim que chegou me cumprimentou com beijos no rosto e estava visivelmente nervoso. No quarto levei um copo com água para ele, e começamos a falar sobre trabalho e universidade. Passados alguns minutos ele começou a fazer carinho em minhas pernas, me elogiando. Em seguida transamos. Após o sexo perguntei como ele se sentiu na sua primeira experiência, ele respondeu: “eu tinha curiosidade, mas a sociedade portuguesa é muito conservadora, nos limitamos muito. Foi uma experiência agradável, tu és uma gaja [menina] muito gira [bonita], além de gentil. Espero nos encontrarmos uma outra vez” (relato extraído do diário de viagem).

Nunca mais nos encontramos ou sequer trocamos mensagens. Há uma recorrência em tal comportamento por parte dos homens que tiveram/têm relações com as *mulheres trans*. Apenas dois mandaram mensagens e quiseram estar comigo pela segunda vez. Com Karen e Jéssica ocorria a mesma coisa. No caso de Jéssica, ela já havia tido um parceiro fixo chamado Nuno, que apesar de casado, a levava para passeios, para bares e discotecas. Já Karen envolveu-se afetivamente com alguns, mas segundo ela: “não podemos deixar nos envolver, porque esses machos iludem a gata e somem do nada, são uó” (diário de viagem, agosto/2017).

A vivência afetiva de Jéssica tornou-se destoante das regularidades que permeiam as relações afetivas entre as *cdzinhas* e os seus parceiros. Não só pela reincidência dos encontros, mas excepcionalmente por Nuno a levar em lugares públicos. A esmagadora maioria preza pela *discrição* e *sigilo* e pelos encontros em espaços privados. Depois de algumas mensagens trocadas no aplicativo e visto o interesse recíproco, vem uma indagação que é periódica: “onde propõe para nos encontrarmos?”, mesmo sabendo que não há outra possibilidade de local que não seja um quarto particular, eu ousadamente respondia: “podemos tomar um café, ou irmos à um barzinho, ou à algum jardim”.

Com exceção do brasileiro Gabriel, estudante universitário, que já tinha namorado uma travesti no Brasil, todos os outros que saíram com Pérola desconversavam e propunham algum lugar discreto. Em paralelo, quando firmavam o encontro para nossos quartos, logo vinha a enxurrada de perguntas: “mora sozinha? O seu prédio é tranquilo? Como é sua vizinhança?” etc. O medo de ser visto com uma *mulher trans* só reforça a

transfobia socioculturalmente difundida e o fato dos corpos trans serem lidos como abjetos (BUTLER, 2016).

A sociedade portuguesa é tida estereotipadamente como religiosa e conservadora, o que dificulta ainda mais os encontros em público com as travestis, transexuais e transgêneros. Pérola e Karen saíram montadas juntas algumas vezes para lugares públicos da noite de Lisboa, como o Bairro Alto, espaço que há um grande fluxo de pessoas, caracterizado como boêmio, turístico, repleto de bares, restaurantes e discotecas. Paradoxalmente, em todas as ocasiões elas foram abordadas por homens, mesmo rodeadas de pessoas, mas que as procuravam direcionadamente para sexo. A cantora travesti Linn da Quebrada já problematizava essa objetificação do corpo das *mulheres trans* na sua música *Mulher*, versando: “Eu tô correndo de homem... Homem que consome, só come e some... Homem que consome, só come, fodeu e some”.

O trecho da música dialoga com a frase supracitada de Karen: “esses machos iludem a gata e somem”. O *iludir* é próprio da construção da masculinidade hegemônica assentada no machismo e hetero(cis)normatividade²⁸. Nesse processo, cuja dominação masculina se reitera sobre os corpos das mulheres, as *mulheres trans* têm sua corporalidade transposta por uma hipersexualização junto da objetificação e da abjeção. Essa leitura corporal também se referencia na hierarquização de poder das relações entre o homem/cis/português/europeu e a mulher/trans/subalterna/brasileira a partir do contexto migratório colonialista que estigmatiza a mulher cis e trans do Brasil como altamente sexualizada e promíscua.

Pelo fato da maioria dos homens que estiveram com Jéssica, Karen e Pérola, terem outras experiências com mulheres trans, eles acabam por visualizar nossas fragilidades emocionais, já que somos socioculturalmente marginalizadas e violentadas cotidianamente. Eles se aproveitam da situação para conseguirem o que querem: sexo gratuito e rotativo, como se fossem colecionadores de *mulheres trans*. Usam do galanteio e sedução, nos elogiam incansavelmente e prometem que o interesse é para além de uma casualidade. Mas segundo Karen, que já se (des)encantou com esses discursos: “é tudo *eké*, são tudo trucado, mona”, ou seja, é tudo mentira e discurso oportunista.

Com a vida dupla que levam, é recorrente que esses homens criem perfis falsos nos aplicativos, queiram que os encontros ocorram no dia que eles estão disponíveis, que sumam e reapareçam do nada, que nos bloqueiem nas redes sociais digitais, que peçam fotos apenas para se masturbarem não concretizando compromisso algum, além de

marcarem encontros e não aparecerem. Tudo só reforça o descompromisso emocional com quem já o tem abalado socialmente.

Entretanto, as cdzinhas e *mulheres trans* de forma geral, produzem estratégias de resistência e ressignificação de tais comportamentos, produzindo uma agência sobre o que, a princípio, seria lido como exploração. Desta forma, penso a agência como construída culturalmente e relacionada à intencionalidade, ao poder e a universalidade, agindo no contexto das relações de desigualdades, de assimetrias e de forças sociais, perpassando a dominação e a resistência. Assim sendo, a compreendo como uma propriedade de sujeitos empoderados (ORTNER, 2007).

As cdzinhas tratam os homens que as desejam com rejeição e desdém. Em conversa sobre o assunto na sala de estar do apartamento de Jéssica e Karen, elas relatam sequencialmente: “antes deles pensarem em nos usar, nós só queremos usar eles... Nós que comandamos, que estamos no poder, somos nós que escolhemos... Tem que mostrar a eles quem manda, não podemos deitar para esses machos”. A segunda acrescenta: “eles acham que enganam as bichas, mas somos nós que enganamos eles... A bicha monta um palhaço e eles vêm correndo atrás dela (risos)” (diário de viagem, junho/2017). É perceptível a concretude da agência no processo de seletividade delas sobre os homens que as procuram. Por exemplo, nos aplicativos que Jéssica usava, ela possuía mais de 200 conversas não lidas-respondidas.

Em contraposição, outras trajetórias afetivas são possíveis com alguns desses parceiros sexuais, a exemplo de Jéssica com Nuno, chegando até a ser notório uma empatia por parte deles aos percalços de subalternidade que nós mulheres trans passamos.

20 de agosto de 2017. Dez horas da manhã. Téó, um português de 31 anos idade e doutor em farmacologia, que eu tinha conhecido via *Tinder*, estava chegando. Nós já estávamos conversando há alguns dias via WhatsApp. Téó sempre foi muito educado, carinhoso e respeitador. Ele tinha trazido um pequeno-almoço (como chamam café-da-manhã em Portugal) para mim. Eu tentava não me encantar com essa atitude não muito convencional entre os homens que tinha conhecido, e estava em alerta para não me envolver e posteriormente me frustrar, como era comum. Téó tinha corpo atlético, olhos azuis e um sorriso envolvente entre a barba feita. Ele me cumprimentou carinhosamente e me elogiou dizendo: “estás muito bela, és realmente uma pérola”. Tomamos o café-da-manhã juntos, conversando sobre coisas do cotidiano, mas principalmente sobre minha partida, pois eu estava prestes a voltar para o Brasil. Terminando de comer, agradei pela gentileza e disse não ser comum ser tratada de tal maneira, onde os rapazes geralmente só me veem para sexo. Téó relata já ter namorado uma *mulher trans* e sabia minimamente das discriminações e

objetificação que nós sofriamos, e por isso sempre tentava ser respeitador e empático. Naquela manhã trocamos apenas alguns beijos. Ele teria um encontro com amigos e no final da tarde voltaria para estar comigo novamente. Passamos a noite juntos. Continuamos nos falando durante muitos dias, até mesmo depois que voltei para o Brasil (relato extraído do diário de viagem).

Téo se autodenominava bissexual e fez parte do meu grupo de parceiros sexuais, que foi majoritariamente heterossexual. Vale o resgate de alguns comentários, feito por esses homens que se afirmam heterossexuais, sobre a orientação sexual. Alguns diziam não gostar de rótulos, outros falavam que estavam mais preocupados em experimentar o *melhor da vida*. Também tinham relatos que refletiam sobre a complexidade da sexualidade apontando que as classificações (homo, hetero, bi, etc.) muitas vezes são obsoletas na concretude das relações sexuais.

O debate sobre sexualidades e orientação sexual se complexifica à medida que esses homens narravam sobre seus desejos referentes a nós, *mulheres trans*. Trago aqui os relatos de alguns que estiveram com Pérola. Ruben, militar português de 23 anos: “o que me atrai é fato de ser um corpo feminino com algo a mais”; João, engenheiro português de 35 anos: “Por um lado adoro sua sensualidade feminina, por outro gostava de experimentar a tua versatilidade, por isso apetecia-me estar contigo”; Roger, português de 36 anos e trabalhador da indústria petrolífera: “Excitava-me quando via [uma trans]... Quis experimentar e adorei... Eram todas como tu, femininas”; Miguel, um policial português de 38 anos: “Gosto de mulheres, independente do que elas tenham entre as pernas”; Jean, um francês linguista de 39 anos: “Gosto da dualidade e das possibilidades de prazer que tenho contigo”; Gonçalves, estudante português de jornalismo com 26 anos: “Gosto do exótico, isso dá-me tesão”; Erico, português de 32 anos que trabalha com informática: “Isso te torna única... Gosto desse jeito menina por fora e depois algo mais...”, eu questioneei: “Algo mais?” E ele respondeu: “Sim, tens pau né!? Tens algo que as outras não tem, tens outro encanto... mas prefiro alguém como tu, és completa”²⁹.

Erico foi o mais enfático na exposição quando explana que é o pênis que torna a *mulher trans completa*, e é isto que motiva seu desejo por nós. É unânime nas vivências das interlocutoras, assim que começam a *teclar* virtualmente, que os homens que as desejam, peçam fotos delas. Alguns com relutância e outros nem tanto, solicitavam imediatamente, fotos dos pênis e atrelado ao pedido vinha a indagação: “és só passiva ou também ativa?”. A frase *eles gostam é da piroca*, da música *Chifrudo* da *drag queen* Lia Clark e da travesti Mulher Pepita, se encaixa perfeitamente neste contexto. As enveredas do falocentrismo estão

presentes na formas de pensar e experienciar as sexualidades desses homens. Embora perceba-se essas evidências, é necessário assinalar que não é qualquer pênis que instiga as eroticidades desses homens, é o pênis em um corpo socialmente dito feminino, conforme eles mesmo argumentam. O predomínio nas relações sexuais das interlocutoras, eram de homens que fossem, no mínimo, versáteis, dificilmente se encontrava um que fosse apenas ativo.

Um homem *cis* que procura uma *mulher trans* para uma prática sexual enquanto passivo, subverte a inteligibilidade de gênero ao romper a coerência e linearidade das prescrições de sexo, gênero, posição sexual e desejo. Nas palavras de Judith Butler (2016, p. 63) “as produções se desviam de seus propósitos originais e mobilizam inadvertidamente possibilidades de “sujeitos” que não apenas ultrapassam os limites da inteligibilidade cultural como efetivamente expandem as fronteiras do que é fato culturalmente inteligível”. A produção da afetividade e de sexualidades das cdzinhas e seus parceiros desestabilizam a hetero(cis)normatividade e ultrapassam as barreiras da inteligibilidade de suas performances transidentitárias.

As relações sociais e sexuais das cdzinhas com seus parceiros afetivos-sexuais são perpassadas por negociações, agencialidades, resistências e assujeitamentos. A partir da minha experiência percebi que estes parceiros eram *homens comuns* construindo os seus mais diversos cotidianos, conforme o perfil diversificado atestou. Foi necessário desmistificá-los para entender a reflexividade que estes homens, ao desejarem-nos, provocam em nós, *mulheres trans*, quando reconhecem nossas performances femininas, mesmo em um corpo que subverte a lógica de gênero preponderante. A transfobia aprisiona os desejos e limita o campo de possibilidades afetivas tanto de nós *mulheres trans* quanto dos nossos parceiros sexuais e afetivos.

Considerações em trânsito

As cdzinhas são figuras eminentemente brasileiras, que através da *montação* se reinventam, conectando referências tanto das travestis quanto das *crossdressers tradicionais*. A *montação* envolve uma série de procedimentos estéticos e estratégias comportamentais, tais como: depilação, hidratação corporal, maquiagem, uso de *lingerie* e peruca, bronzamento, musculação, mudança no andar, na postura e na voz, tudo isso com o objetivo de fazer essa transição temporária do socioculturalmente tido como masculino para o feminino.

Aquilo que denomino transidentidade das cdzinhas pode ser concebida erroneamente pelas ciências médicas e *psi* como transtorno dissociativo de identidade, popularmente chamado transtorno de múltiplas personalidades, cujas classificações patologizantes se enquadram no travestismo, transexualismo e fetichismo, a exemplo do trabalho de Eliane Kogut (2006) que sugere o atendimento clínico de *crossdressers* com processos terapêuticos. No entanto, no ano de 2018, a Organização Mundial da Saúde (OMS) ao elaborar a nova Classificação Internacional de Doenças (CID) parou de classificar a transexualidade como um transtorno mental. Os estudos de Judith Butler (2010) e Berenice Bento (2006) também problematizam a patologização da transgeneridade, percebendo a ontologia corporal repensada a partir da “condição precária” e os enquadramentos das vidas consideradas vidas (BUTLER, 2015).

A transidentidade envolve processos performativos e trânsitos identitários fluidos, fragmentados, contraditórios, múltiplos, ambíguos, ressignificados, recontextualizados e em deslocamentos (LOURO, 2016; BUTLER, 2016; HALL, 2006). Estes trânsitos são experienciados pelas cdzinhas através da montagem estratégica (DUQUE, 2011) que oportuniza o manejo sobre um corpo em constante *montação* e *desmontação*, corpo este que vivencia um fluxo contingencial entre o feminino e o masculino. Embora exista esse movimento entre os gêneros, para as cdzinhas é basilar, na autocompreensão de si, saber diferenciar as duas performances em seus cotidianos, bem como saber se distinguir das travestis e das *drag queens*.

A performance transidentitária das cdzinhas extrapola a dimensão de gênero e se aglutina com as sexualidades. Elas põem em questionamento a separação entre identidade de gênero e identidade sexual, já que elaboram suas transidentidades a partir da construção esporádica de uma feminilidade ancorada nos desejos e no campo erótico. Conquanto, entendo que ocasionalmente essas dimensões devem ser interpretadas separadamente. Porém, para melhor compreender esses trânsitos identitários é necessário pensar o relacionamento e fusão do gênero e das sexualidades (VANCE, 1995) considerando essa articulação numa dimensão política (RUBIN, 1993).

No universo dos encontros e dos parceiros sexuais e afetivos, na qual a *montação* da cdzinha é excepcionalmente direcionada, é possível desmistificar os homens que apetezem os corpos das *mulheres trans* quando um perfil diversificado deles é apresentado. Este parceiros, em sua maioria, eram comprometidos e buscavam com as cdzinhas apenas sexo casual com *discrição* e *sigilo*, reservando a elas o espaço privado. Frente a esse processo que *a priori* poderia ser entendido como transfobia, objetificação e hipersexualização, que não

deixam de existir, há resistências, ressignificações e criações de agências por parte das cdzinhas. Enquanto pessoa trans brasileira e universitária em mobilidade internacional tive que interpelar, através do capital cultural-simbólico, os meus parceiros que insistiam em me subalternizar tendo por base as relações hierárquicas entre o homem/cis/português e a mulher/trans/subalterna/brasileira.

O anonimato possibilitado pelos deslocamentos, o desejo pelo tipo ideal de um homem *heterocis* de performance masculina e a possibilidade de trabalho através da prostituição fazem parte dos fatores que incitam a performance transidentitária das cdzinhas, e estão contidos nos *projetos* (VELHO, 1981) de realização pessoal das interlocutoras que a compreende como uma potencialidade de experienciar o gênero e as sexualidades de forma subversiva. A subversão à inteligibilidade de gênero também é percebida com os fluxos entre os universos simbólicos da masculinidade e da feminilidade, onde longe de fortificar essa binariedade, a performance transidentitária das cdzinhas reforça os limites desta ao parodiar o gênero com a *montação*.

Notas

¹ Este artigo foi elaborado como trabalho final da disciplina “Relações de gênero e sexualidades” ministrada pela Prof.^a Dr.^a Rozeli Porto do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social-PPGAS da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN, na qual sou grata pelas discussões e contribuições. Também pude apresentá-lo em uma mesa de debate sobre Gênero, Política, Educação e Diversidade Sexual do III Seminário de Antropologia das Relações de Gênero e Sexualidades realizado no dia 17 de abril de 2019 pelo PPGAS/UFRN, assim agradeço os comentários de Pedro Guedes Nascimento (debatedor) e das demais pessoas presentes. É importante pontuar que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Também realizei alguns *diálogos semi-estruturados* com perguntas direcionadas da pesquisa via WhatsApp em julho de 2018.

³ O que afirmo ser a performance identitária tem por base, principalmente, as reflexões de Judith Butler (2016) sobre performance. Neste sentido, entendo-a como o processo em que o gênero, o corpo e o discurso, bem como outros marcadores sociais da diferença, são performatizados por atos, gestos e atuações reiterados cotidianamente e elaborados em identidades descentradas e a partir da alteridade.

⁴ Embora eu me apresentasse para meus parceiros sexuais-afetivos como uma universitária-pesquisadora, nunca falei dos propósitos investigativos de nossos encontros, até porque, de início não havia o teor científico, era meramente uma experiência que eu ia registrando no meu diário de viagem, que só posteriormente fui analisar para produzir as reflexões aqui presentes.

⁵ Os nomes utilizados são fictícios, apenas os das cdzinhas são os reais, porque elas mesmas solicitaram que assim fosse.

⁶ Recentemente uma série de grupos identitários começam a reivindicar espaço no movimento LGBT, o mais consistente é o de pessoas intersexos, que embora tenham aproximação com a população T, possuem singularidades que necessitam de políticas públicas específicas, por isso se organizam através da Associação Brasileira de Intersexos (ABRAI). Em alguns espaços acadêmicos e militantes já se utiliza bastante o I na sigla do movimento. Reconhecendo e simpatizando com a luta e a organização deste grupo é que utilizarei a sigla LGBTIs no decorrer deste texto.

⁷ Na época da pesquisa eu ainda não me reivindicava travesti, era *gayzinha*, isto é, “uma travesti não hormonizada e sem peito” que de certo modo pode corresponder a uma etapa pré-transição de gênero (AZEVEDO, 2017).

⁸ Antropólogas feministas têm usado a estratégia de utilizar o nome e o sobrenome quando se referencia mulheres, tendo em vista que o uso apenas do sobrenome invisibiliza a produção feita por nós mulheres. Esse texto segue esta tendência.

⁹ Compreendo *crossdressers tradicionais* como aquelas cuja maioria dos homens por detrás da montagem se afirmam heterossexuais, conforme as estudadas por Bullough, Bullough & Smith (1983), Anna Paula Vencato (2009) e Vieira Garcia, *et al.* (2010).

¹⁰ *Homens gays* em destaque porque, como já assinalado, na época eu ainda não tinha realizado a transição de gênero.

¹¹ Antes de escrever esse artigo, consultei Jéssica e Karen para saber se eu poderia utilizar suas histórias e de tudo que acompanhei delas naquele período e a resposta de ambas foi positiva.

¹² Vou preservar o nome Pérola, já que era assim que eu me identificava na época.

¹³ *Montar o palhaço* é uma expressão êmica bastante utilizada pelas interlocutoras para se referir a todo o processo de construção da figura feminina que a cdzinha expressa. Mas pode ser usada especificamente para se referir a maquiagem de feminilização.

¹⁴ As idades das cdzinhas sempre são menores referente às idades dos *homens* por detrás da *montagem*.

¹⁵ Essas auto-descrições curtas eram as que elas colocavam nos aplicativos de relacionamento.

¹⁶ Dados da *Transgender Europe*, disponível em: <http://tgeu.org/tdor-2016-press-release/> acesso: 26 de agosto de 2018.

¹⁷ *Ocó* significa homem. Esta expressão é uma das muitas que compõe o *pajubá*, que é um conjunto de palavras e expressões, muitas oriundas das religiões de matriz africana, faladas pela população LGBTI e principalmente pelas travestis, transexuais e transgêneros que usam mais recorrentemente no cotidiano. As cdzinhas também usam *ocó* para se referirem a si quando estão desmontadas. Os estudos de Anna Paula Vencato (2009) e Vieira Garcia *et al.* (2010) utilizam o termo *sapo* para se referir à crossdresser quando desmontada.

¹⁸ Pessoa cisgênero (cis) é aquela que se identifica com o gênero designado no seu nascimento. Segundo Amara Rodovalho (2017, p. 369) “cis e trans, pontos de referência, os dois extremos duma dada divisão do mundo, entre eles havendo uma grande variedade de sujeitos e mesmo casos fronteiriços”.

¹⁹ *Xuxu* no pajúba significa barba ou resquícios dela mesmo após a maquiagem posta.

²⁰ Semelhante a ideia de possessão da *crossdresser*, a partir do espiritismo e da umbanda, desenvolvido por Anna Paula Vencato (2009), as interlocutoras em alguns momentos diziam que *estavam sem axé* ou *ela não veio hoje* para referirem-se a não possessão do *espírito cdzinba*.

²¹ Para Vale de Almeida (2000, p. 17) a masculinidade hegemônica é “um modelo cultural ideal que, não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos os homens um efeito controlador, através da incorporação, da ritualização das práticas da sociabilidade quotidianas de uma discursividade que exclui todo um campo emotivo considerado feminino; e que a masculinidade não é simétrica de feminilidade, na medida em que as duas se relacionam de forma assimétrica, por vezes hierárquica e desigual. A masculinidade é um processo construído, frágil, vigiado, como forma de ascendência social que pretende ser”.

²² Utilizarei a expressão *mulheres trans* referindo às identidades femininas da transgeneridade (travestis, mulheres transexuais e cdzinhas), onde esses homens, por mais que alguns reconheçam as diferenças entre as nuances transgêneros, geralmente nos vêm no mesmo grupo de potenciais parceiras sexuais-afetivas.

²³ Como é o caso do Brasil. Ver: <https://super.abril.com.br/comportamento/brasil-e-o-pais-que-mais-procura-por-transexuais-no-redtube-e-o-que-mais-comete-crimes-transfobicos-nas-ruas/> acesso: 26 de agosto de 2018.

²⁴ A coletânea organizada por Larissa Pelúcio *et al.* (2012) investe em pensar o lugar das relações de gênero e sexualidades na produção midiática contemporânea. Acerca do impacto das novas tecnologias de comunicação - como os aplicativos de relacionamentos - nas relações intersubjetivas, na constituição das afetividades, sexualidades e sociabilidades contemporâneas, os textos de Iara Beleli e Richard Miskolci ganham destaque.

²⁵ Os bloqueios ocorrem quando há uma forte incidência de denúncias. Segundo Jéssica, que já viajou para outros países da Europa e utilizou dos aplicativos, esses bloqueios são mais comuns em Portugal porque, como ela argumentou, “português é uó, só perde pra italiano” querendo apontar para a hipocrisia e conservadorismo da sociedade portuguesa.

²⁶ Fiz algumas reflexões sobre a prostituição das travestis no meu trabalho de conclusão de curso (AZEVEDO, 2017). Um dos pontos que levantei refere-se à ressignificação da hipersexualização do corpo trans através da prostituição, ou seja, as travestis, mesmo que tivessem outras fontes de renda, cobravam pelo sexo já que os homens que estavam com elas só queriam usar dos corpos de forma descartável.

²⁷ É interessante assinalar que os homens negros são geralmente escanteados pelas *mulheres trans* (as que conheci naquele contexto). Os imigrantes africanos negros, principalmente, são vistos como

potenciais ladrões/violentos. Karen já foi roubada quando esteve em um encontro com um e Jéssica conhece muitas histórias de *putas* que foram roubadas por homens negros. A complexidade dessa questão vale um outro artigo versando sobre imigração, negritude, sexualidades, marginalização social e criminalidade. É importante destacar as reflexões de Conrado e Ribeiro (2017, p. 82) que pontuam: “os estereótipos sexuais sobre homens negros são resultados do sexismo e não apenas do racismo, mesmo que o privilégio patriarcal posicione tais masculinidades como configurações vantajosas” e de Ângela Davis (2005) que verá a associação da negritude masculina com a violência um potencial cristalizador do mito do violador negro.

²⁸ A heteronormatividade é referenciada pelas ideias de Judith Butler (2016), Gayle Rubin (1993) e Berlant e Warner (2002). O acréscimo do *cis*, ficando hetero(cis)normatividade tem como intuito tornar o conceito mais abrangente no que concerne também ao caráter compulsório, obrigatório e normatizador da cisgeneridade.

²⁹ Essas narrativas foram colhidas tanto presencialmente quanto das conversações virtuais.

Referências

AZEVEDO, P. “*Travesti não é bagunça*” - etnografia da performance identitária das travestis no contexto urbano mossoroense. Monografia (Graduação em Ciências Sociais - Bacharelado). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/UERN. Mossoró/RN, 2017.

BENTO, Berenice. *A Reinvenção do Corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BERLANT, Laurent e WARNER, Michael. Sexo em público. In: JIMENEZ, R. *Sexualidades Transgressoras*. Barcelona: Içaria, 2002. p.229-257.

BHABHA, Homi K. Interrogando a identidade. In. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. P. 70-104.

BULLOUGH, Bonnie; BULLOUGH, Vern & SMITH, Richard. A comparative study of male transvestites, male to female transsexuals, and male homosexuals. *Journal of Sex Research*. Aug 2005. Vol. 19, Issue 3, p. 38-257. 1983.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. *Quadros de guerra - Quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. Transexualid, transformaciones (prólogo). In. MISSÉ, M; COLLPLANAS, G. (edit). *El género desordenado: críticas em torno a la patologización de la transexualidad*. Editorial EGALES, S.L., 2010.

CARDOZO, Fernanda. Performatividades de gênero, performatividades de parentesco: notas de um estudo com travestis e suas famílias na cidade de Florianópolis/SC. In. GROSSI, M; UZIEL, AP; MELLO, L. *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007

CLIFFORD, James. “Sobre a Autoridade Etnográfica”. In: *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

CLIFFORD, James. “Spatial practices: fieldwork, travel, and the disciplining of Anthropology”. GUPTA, Akhil e FERGUSON, James (eds.). *Anthropological locations: boundaries and grounds of a field science*. Berkeley: University of California Press. 1997.

CONNELL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. São Paulo: nVersos, 2016.

CONRADO, Mônica & RIBEIRO, Alan Augusto. Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 2017, vol.25, n.1, p. 73-97.

DAVIS, Ângela. Violação, racismo e o mito do violador negro. In. *Raça y clase*. Ediciones AkaJ, S.L., 2005.

DUQUE, Tiago. *Montagens e desmontagens: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes*. São Paulo: Annablume, 2011.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2013.

GARBER, Marjorie. *Vested Interests: Cross-Dressing and Cultural Authority*. New York: Routledge. 1992.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. 4. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

hooks, bell. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. *Revista Estudos Feministas*. Col.16, n.3, Florianópolis, set/dez, 2008.

KOGUT, Eliane C. *Crossdressing Masculino: uma Visão Psicanalítica de Sexualidade Crossdresser*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2006.

KULICK, Don. *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

ORTNER, Sherry. Poder e Projetos: reflexões sobre a agência. In. GROSSI, M; ECKERT, C; FRY, P. (orgs.). *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. Brasília: ABA; Blumenau: Nova Letra, 2007, p.45-80.

PELÚCIO, Larissa. et al. *Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

RODOVALHO, Amara Moira. O cis pelo trans. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.25, n1, p. 365-373, abr. 2017.

RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*. Recife: Edição SOS Corpo, 1993.

SCHWADE, Elisete. Etnografia e subjetividade na pesquisa etnográfica. In. MOURA, Cristina; CORADINI, Lisabete (orgs.). *Trajетórias antropológicas: encontros com Gilberto Velho*. Natal: EDUFRN, 2016.

STRATHERN, Marilyn. Fora de contexto: ficções persuasivas da antropologia. In. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. *Senhores de Si: uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 2000.

VANCE, Carole S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. *Physis*, Rio de Janeiro, v.5, n.1, p. 1-31, 1995.

VELHO, Gilberto. Projeto, Emoção e Orientação em Sociedades Complexas. In. *Individualismo e Cultura: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Zahar editores: Rio de Janeiro, 1981.

VELHO, Gilberto. Trajetória individual e campo de possibilidades. In. *Projeto e metamorfose*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994. p. 31-47.

VENCATO, Anna Paula. “*Existimos pelo prazer de ser mulher*”: uma análise do Brazilian Crossdresser Club. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural/UFRJ). Rio de Janeiro, 2009.

VIEIRA GARCIA, Marcos Roberto. et al. "De sapos e princesas": a construção de uma identidade trans em um clube para *crossdressers*. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, n. 4, 2010, pp. 80-104.

WACQUANT, Loic. *Corpo e Alma: Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2002.

WELZER-LANG, Daniel. A Construção do Masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, Ano 9, 2º Semestre, 2/2001. p. 460-482.

Recebido em 15 de agosto de 2019.

Aceito em 20 de dezembro de 2019.